

“NO INÍCIO ÉRAMOS 6 MILHÕES E HOJE SOMOS APENAS 300 MIL”

(De um pajé presente à manifestação de Brasília)

# Índios protestam em Brasília

NO DIA DO ÍNDIO, LÍDERES DE VÁRIAS TRIBOS SE REÚNEM PARA LEMBRAR UM ANO DA MORTE DO PATAXÓ E APROVEITAM PARA COBRAR JUSTIÇA DAS AUTORIDADES

José Paulo Lacerda/AE

Cerca de 200 indígenas, representantes das tribos Xavante, Caia-pó, Pancarau, Funiô, Terena, Guaraní, Tukano e Pataxó, realizaram ontem, Dia do Índio, uma manifestação para lembrar um ano da morte do pataxó Galdino Jesus dos Santos, assassinado por um grupo de adolescentes de classe média em Brasília. O local escolhido foi o ponto de ônibus, no Plano Piloto da cidade, onde Santos foi queimado vivo na madrugada do dia 20. Marcado pela ausência de autoridades ou políticos, o ato reuniu os índios em cultos fúnebres e rituais.

“Querem botar os bandidos na rua, mas nós não vamos deixar esse crime ser esquecido”, dizia, revoltado Gajé Pataxó, primo e único parente de Galdino presente à cerimônia. Os índios não aceitam a decisão da juíza do Tribunal de Justiça do Distrito Federal, Sandra de Santis, de converter o crime cometido pelos rapazes de homicídio triplamente qualificado para lesão corporal seguida de morte. “Ela (a juíza) acredita que os meninos não tinham a intenção de matar, que era brincadeira”, lamentou Gajé.

A pena prevista para lesão corporal é de oito anos, mas os quatro rapazes, que já estão há um ano presos, podem cumprir apenas um sexto da pena por bom comportamento. Há uma previsão de que o julgamento possa ocorrer em agosto. “Estamos aqui para protestar contra a falta de justiça”, anunciou o pajé Itambé Pataxó. O líder tukano Álvaro fez críticas ao governo de Fernando Henrique Cardoso, segundo ele, omisso diante da violência.

A manifestação ocorreu diante do memorial erguido em homenagem a Galdino, índio ha-ha-hãe, da tribo Caramuru-Paraguassu, no sul da Bahia. Usando bordunas e flechas, os caiapó dançaram e cantaram. Os funiô se reuniram, em seguida, em um canto fúnebre e fumaram cachimbo para evocar o espírito de Santos. “Eles fazem isso para tornar o espírito do companheiro mais alegre”, contou Marcus Maciel, funcionário da Funai e um dos coordenadores do Comitê Galdino Pela Vida e Contra a Impunidade.

Pajés e índios já estavam reunidos em Brasília desde o início da semana passada, em um encontro de 12 lideranças. Eles prepararam um documento cobrando das autoridades maior atenção. “No início, éramos 6 milhões, hoje somos só 300 mil”, reclamam os pajés. “Paga-se caro por remédios que, na verdade, saíram da cabeça do povo indígena”, diz um documento preparado pelos pajés, que pede à Funai providências para verificar a coleta de sangue entre índios dos povos Karitiana (AC) e Surui (RO). “Levaram o sangue para fora (exterior)”, dizem os pajés.

Em São Paulo, representantes de vários grupos indígenas encontraram-se ontem na Aldeia Morro da Saudade, localizada no distrito de Parelheiros, zona sul. Não foi realizada nenhuma festa especial para comemorar o Dia do Índio. Líderes das aldeias de Morro da Saudade, do Pico do Jaraguá, de Crucutu e de Pancarau confraternizaram-se e realizaram partidas de futebol e demonstração de danças e rituais religiosos.

**Sônia Cristina Silva**



Índio na manifestação realizada ontem, em Brasília: rituais pela alma do pataxó assassinado em 97